



O CONCEITO DE INTERSUBJETIVIDADE NAS RELAÇÕES DE ENSINO: CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM HISTÓRICO-CULTURAL

José Carlos P. Filho
Email: jtaoes@hotmail.com
Orientadora: Ana Luiza Bustamante Smolka



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS /FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Agencia Financiadora: Pibic/ Cnpq (Agosto/2009 – Maio/2010) e Fapesp (Junho/2010 – Dezembro/ 2010)

Palavras chaves: Construção de conhecimento – Intersubjetividade – Relações de Ensino

Apresentação

Com base na perspectiva Histórico-Cultural, a presente pesquisa discutiu modos de conceber as relações de ensino e os processos intersubjetivos, em um estudo que se desenvolveu longitudinalmente, nos anos de 2008 a 2010. No decorrer de tal período, acompanhamos o mesmo grupo de alunos e a mesma professora nos três primeiros anos do Ensino Fundamental, em uma escola da rede municipal de Campinas, assumindo a observação participante. No curso dos três anos, o tema e o foco da pesquisa foram se reconfigurando: inicialmente, as relações professor-aluno-conhecimento constituíram o núcleo da investigação; no decorrer do processo, questões relacionadas à intersubjetividade foram ganhando relevância, assim como as relações entre intersubjetividade e linguagem. Como fruto do trabalho realizado, chegamos à discussão de como o conceito de “linguagem” influencia ou afeta o conceito de “intersubjetividade”. Nesse sentido, quando a linguagem é vista somente como comunicação, as situações de destaque são aquelas em que dois ou mais sujeitos interagem *explicitamente*. Assumindo o princípio dialógico (Bakhtin), e concebendo a linguagem como produção humana, como atividade constitutiva dos sujeitos em interação, podemos integrar nas análises outros elementos (sujeitos, experiências etc.) que, mesmo não estando *fisicamente* presentes ou imediatamente visíveis, compõem a interação. Decorrente dessa problemática, discutimos também questões metodológicas relacionadas à posição do próprio pesquisador na relação com o quadro teórico, e o trabalho de interpretação e análises do material empírico. A pesquisa integra um projeto mais abrangente para a melhoria do Ensino Público (FAPESP).

Procedimentos Metodológicos:

A pesquisa teórica. Realizamos o aprofundamento nos seguintes autores: Bakhtin, Vigotski e Wallon. Com isso, fizemos um recorte conceitual, destacando contribuições que nos permitissem elaborar um posicionamento diante da relação eu-outro, situada no espaço da educação formal. Além disso, nesta pesquisa, prosseguimos com as discussões de ordem metodológica, iniciadas em pesquisas anteriores.

A pesquisa empírica. A pesquisa de campo foi realizada semanalmente em sala de aula, acompanhando um grupo de alunos e sua professora, no curso dos três primeiros anos do ensino fundamental. Foi feito o registro em diários de campo e em vídeo-gravações, as quais foram transcritas e passaram por análises no grupo de pesquisa.

Procedimentos de análise. O material vídeo-gravado foi transcrito e, em seguida, foram selecionadas situações escolhidas para as análises, à luz do referencial teórico assumido. O foco das análises privilegiou as interações professor-alunos-conhecimento.

Objetivos:

- Aprofundar o conhecimento sobre o conceito de intersubjetividade e sua relação com concepções de linguagem, ancorados nas contribuições de autores da perspectiva Histórico-Cultural;
- Discutir os conceitos de intersubjetividade e de linguagem nas relações de ensino;
- Examinar e discutir as contribuições teóricas em relação com a pesquisa empírica;

Discussão

Durante o levantamento bibliográfico, de trabalhos que discutiam o conceito de intersubjetividade, encontramos noções como: linguagem como comunicação; separação entre os aspectos subjetivo, social, objetivo; a subjetividade como um “núcleo do eu”. No aprofundamento teórico, concomitante com a pesquisa empírica, problematizamos tais noções com base na concepção bakhtiniana de linguagem como interação. Tal concepção viabiliza outras formas de análise e de conceber o conceito de intersubjetividade, portanto, de construção de conhecimento. Como fruto do trabalho, fomos percebemos alguns aspectos das situações discutidas: no decorrer das atividades, os alunos se apropriam de modos novos (os quais são culturais) de se relacionar com o mundo (a escrita, por exemplo); a professora desenvolve as atividades utilizando a sua (mesmo que sutilmente) autoridade, a qual ela assume ao mesmo tempo em que lhe é dada, devido às significações sociais sobre o seu “papel”; as falas da professora carregam essa autoridade e, em muitos momentos, elas permanecem na interação depois de ter sido proferida; e, ao permanecerem na interação, são apropriadas pelos alunos: o “alheio” se torna “meu”, conservando “ecos alheios”. Acrescenta-se que a concepção de intersubjetividade que assumimos afetou o papel do pesquisador. Por fim, demos continuidade a discussão de questões de ordem metodológica, assumindo o posicionamento segundo o qual, no trabalho empírico, devemos atentar para as relações entre os conceitos com os quais trabalhamos e as manifestações “observáveis” do campo empírico; tais conceitos, produtos do pensamento e das práticas (Bakhtin, Vigotski), são signos constituídos na/ pela e constituintes da “realidade concreta”, significativa, onde foram produzidos; e, por fim, as nossas elaborações decorrem do trabalho empírico, mas, também como resposta aos enunciados anteriores, ainda mais levando em consideração que não podemos “determinar nossa posição sem correlacioná-la com outras posições” (Bakhtin).

Excerto de uma situação empírica:

Na situação que se segue, os alunos deveriam escolher cinco personagens do “Sítio do Pica-Pau-Amarelo”, com o intuito de confeccioná-los na atividade de educação artística.

(0:00:07) *Profa: Então, cinco personagens do sítio a gente pode escolher pra fazer.*

Os alunos dizem “Cuca” e “Saci”. A professora escreve esses nomes na lousa.

(0:00:44) *Profa: O saci? Oh, já foram dois.*

Quando quatro nomes já haviam sido escolhidos, algumas crianças falam “Narizinho” e outras falam “Pedrinho” (00:01:06).

(0:01:11) *Profa: “Narizinho”... que tinham falado antes.*

Um grupo de alunos começa a pedir e a argumentar em favor da finalização da atividade, enquanto outro grupo insiste na inclusão do “Pedrinho”.

(0:01:18) *Selma: Um, dois, três, quatro, cinco (contando os personagens escritos).*

Depois de algum tempo de disputa entre os alunos, a professora decide incluir o nome do “Pedrinho” e, assim, fazer seis personagens (00:01:49).

(13/11/2008)

Aspectos destacados na análise:

- Mostram-se os ecos do texto e do conhecimento da literatura plenamente incorporados na cultura brasileira;
- O enunciado das regras pela professora ecoa durante toda a atividade nas falas das crianças (*são cinco; são só cinco; já tem dois...*);
- As falas das crianças afetam a proposta inicial da professora (de cinco, passam para seis personagens);
- O registro escrito dos nomes das personagens na lousa possibilita: 1. objetivar as intenções e as sugestões das crianças; 2. explicitar as funções da escrita; 3. organizar a atividade, dando visibilidade à fala das crianças, à escrita, aos personagens, à própria organização; 4. funciona como auxílio à memória; 5. contribui como recurso à divisão do trabalho nos grupos.
- Enunciados dos outros – do texto (Reinações de narizinho), do autor (Monteiro Lobato); da professora (leitora, comentadora da história); da mídia (série na TV) – vão circulando e se tornando apropriados pelas / próprios das crianças.

Principais referências bibliográficas:

- BAKHTIN, Mikhail M. Estética da criação verbal. 3ª. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2000.
BAKHTIN, Mikhail M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: HUCITEC, 2006.
SMOLKA, A. L. B.; GOES, M. C. R. (1995). *A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento*. Campinas: Papirus.
SMOLKA, A. L. B.; GOES, M. C. R. (1997b). *A Significação Nos Espaços Educacionais: Interação Social e Subjetivação*. 1. ed. Campinas: Papirus.
VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
_____. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
_____. *La imaginacion y el arte em la infancia*. México D. F. Fontamara, 1997.
WALLON, Henri. *Psicologia e educação na infância*. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.